Quadros da literatura italiana: uma alba melancólica: (Baldasar Castiglione, Il libro del cortegiano IV 73)

Autor(es): Santagata, Marco

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42659>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_2_22

Accessed : 26-Apr-2023 02:25:18

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 2

QUADROS DA LITERATURA ITALIANA.
UMA ALBA MELANCÓLICA (BALDASAR
CASTIGLIONE, *IL LIBRO DEL
CORTEGIANO* IV 73)

MARCO SANTAGATA*

No livro dedicado à Letteratura nell'età della tradizione, de próxima publicação, Marco Santagata apresenta a história da literatura italiana de uma forma muito particular e inovadora. Os 20 capítulos da obra correspondem a 20 estações de um percurso que vai da Chanson de Roland a Ugo Foscolo, ou seja, das origens românicas da literatura europeia até à ruptura do Romantismo. Cada uma dessas paragens é dedicada a um autor e a um passo de uma das suas obras, que é transcrito e analisado. Estamos longe, pois, da tradicional história da literatura, enquanto grande narrativa ordenada por datas, autores, obras e correntes. São pedaços de objectos muito maiores, pequenos enlaces de estruturas muito mais amplas. O itinerário assim delineado oferece à fruição uma galeria de quadros seleccionados. Ao apreciá-los, o leitor é levado a imaginar como não serão os tesouros que se encontram guardados e que não foram expostos, a avaliar pelos que vê. A sua satisfação será a mesma do público de um museu, que anseia ver uma sucessão de quadros e peças, mas não percorrer exaustivamente todo o percurso da história da arte. É um desses quadros que aqui é dado a conhecer ao leitor de Estudos Italianos em Portugal.

R. M.

* Marco Santagata é Professor de Literatura Italiana na Universidade de Pisa. De entre os numerosos cargos que ocupa, contam-se o de Presidente honorário de ICON (Italian Culture on the Net), membro da Comissão Nacional Italiana da UNESCO e membro da *Commissione Nazionale per la Promozione della Cultura Italiana* do Ministério dos Negócios Estrangeiros. É autor de fundamentais estudos sobre Petrarca, Leopardi, Pascoli, D'Annunzio e sobre o lirismo e o bucolismo do Renascimento.

Il signor Gaspar¹ cominciava a prepararsi a rispondere; ma la signora Duchessa², “Di questo”, disse, “sia giudice messer Pietro Bembo³ e stiasi alla sua sentenza, se le donne sono così capaci dell’amor divino⁴ come gli omini, o no. Ma perché la lite tra voi⁵ potrebbe esser troppo lunga, sarà ben a differirla insino a domani”. “Anzi a questa sera” disse messer Cesare Gonzaga⁶. “E come a questa sera?” disse la signora Duchessa. Rispose messer Cesare: “Perché già è di giorno”; e mostrolle la luce che incominciava ad entrar per le fessure delle finestre. Allora ognuno si levò in piedi con molta maraviglia, perché non pareva che i ragionamenti fossero durati più del consueto, ma per l’essersi incominciati molto più tardi e per la loro piacevolezza aveano ingannato quei signori tanto, che non s’erano accorti del fuggir dell’ore; né era alcuno che negli occhi sentisse gravezza di sonno, il che quasi sempre interviene, quando l’ora consueta del dormire si passa in vigilia. Aperte adunque le finestre da quella banda del palazzo che riguarda l’alta cima del monte di Catri⁷, videro già esser nata in oriente una bella aurora di color di rose e tutte le stelle sparite, fuor che la dolce governatrice del ciel di Venere, che della notte e del giorno tiene i confini; dalla qual pareva che spirasse un’aura soave, che di mordente⁸ fresco empindo l’aria, cominciava tra le mor-

¹ *Gaspar*: Gaspare Pallavicino (1486-1511), Marquês de Cortemaggiore, um dos interlocutores do diálogo.

² *Duchessa*: Elisabetta Gonzaga (1471-1526), esposa de Guidubaldo da Montefeltro.

³ *Pietro Bembo* (1470-1547) viveu em Urbino de 1506 a 1512.

⁴ *amor divino*: o grau supremo de amor que é a união com Deus, momento culminante do processo de aperfeiçoamento e de elevação espiritual a que propende o cortesão.

⁵ *tra voi*: isto é, entre Gaspare Pallavicino e Giuliano dei Medici (1479-1516), filho mais novo de Lorenzo, também ele chamado “o Magnífico”.

⁶ *Cesare Gonzaga* (1475-1512), primo de Castiglione que foi quase seu contemporâneo.

⁷ *Catri*: monte a sul de Urbino.

⁸ *mordente*: cortante.

moranti selve de' colli vicini a risvegliar dolci concenti dei vaghi augelli. Onde tutti, avendo con riverenzia preso commiato dalla signora Duchessa, s'inviarono verso le lor stanze senza lume di torchi, bastando lor quello del giorno; e quando già erano per uscir dalla camera, voltossi il signor Prefetto⁹ alla signora Duchessa e disse: "Signora, per terminar la lite tra 'l signor Gaspar e 'l signor Magnifico, veniremo col giudice¹⁰ questa sera più per tempo che non si fece ieri". Rispose la signora Emilia¹¹: "Con patto che se 'l signor Gaspar vorrà accusar le donne e dar loro, come è suo costume, qualche falsa calunnia, esso ancora dia sicurtà di star a ragione¹², perch'io lo allego suspeito¹³".

Raia a alba em Urbino, num dos primeiros dias de Março de 1507. A luz rosa é filtrada através das janelas do palácio ducal e penetra no apartamento da Duquesa Elisabetta Gonzaga, esposa de Guidubaldo di Montefeltro, surpreendendo o grupo de gentis-mulheres e de gentis-homens que, desde a primeira noite, ali se tinha reunido a conversar. O assunto da discussão tinha-os absorvido de tal forma que nem se deram conta da noite a passar. São cortesãos ao serviço do Duque Guidubaldo ou pessoas importantes, que gozam da sua hospitalidade: algumas delas virão mesmo a desempenhar um papel de certo relevo nas vicissitudes políticas da Itália da primeira metade do século XVI (como Ottaviano Fregoso – 1470-1524 – que será *doge* de Génova e Giuliano de' Medici, dito *o Magnifico*); outras, como Bernardo Dovizi, chamado *il Bibbiena* – 1470-1520 –, deixarão as suas marcas

⁹ *Prefetto*: Francesco Maria della Rovere (1490-1538), governador de Roma, depois duque de Urbino.

¹⁰ *giudice*: Pietro Bembo.

¹¹ *Emilia*: Emilia Pio (1487-1528), viúva de Antonio da Montefeltro e cunhada de Guidubaldo.

¹² *star a ragione*: não se exceder.

¹³ *lo allego ... fuggitivo*: o declaro suspeito de deserção.

na literatura italiana; outras ainda, como Pietro Bembo, nela imprimirão um sulco profundo e duradouro. Em suma, à volta da Duquesa reúne-se uma representação da classe dirigente daqueles anos, ao mais alto nível. A que está prestes a terminar, é a quarta noite que dedicaram àquele *jogo* do engenho. Era de facto hábito dos frequentadores da corte de Urbino reunirem-se nos aposentos da Duquesa, a seguir ao jantar, depois de o Duque, que tinha uma doença, se retirar. Então, sentados em círculo, dedicavam-se a nobres passatempos. Embrenhavam-se frequentemente em disputas sobre assuntos relacionados com as tradicionais questões de amor, mas há três noites, Federico Fregoso, irmão de Ottaviano, tinha proposto como *jogo* tratar as “condicioni e particular qualità che si richieggono a chi merita” o nome de “perfetto cortigiano” (I 12), e a proposta agradou-lhes tanto que os absorveu por quatro serões consecutivos.

Para nós, a palavra cortesão tem uma forte conotação negativa. Não a tinha, obviamente, no tempo de Castiglione, quando o termo definia, muito simplesmente, o homem de corte que estava ao serviço de um Senhor. Mas o cortesão de que falam os interlocutores do diálogo não é simplesmente um homem de corte: através das palavras (fictícias) que põe na boca das suas personagens (reais), Castiglione – que nos dias em que situa o seu livro estava longe de Urbino –, neste caso, propõe-se definir melhor, precisando o seu papel e as suas características, a figura social que aquela palavra designa. Uma figura que fora sendo construída ao longo do século precedente, quando a formação de estados regionais que gravitavam em torno de uma grande corte tinha baralhado as cartas das antigas estratificações sociais, criando uma nova classe dirigente onde confluíam pessoas provenientes de camadas e de âmbitos muito diversos. Antiga nobreza feudal, nobreza citadina, representantes de várias profissões, aristocracia endinheirada e estratos intelectuais formavam uma classe que se caracterizava mais pela homo-

geneidade das funções dirigentes do que pela tradição específica dos seus comportamentos. O problema, que na ficção do autor tanto apaixona as figuras em diálogo, é portanto o de individuar os traços peculiares de uma nova aristocracia espalhada por todo o sistema das cortes italianas e sobretudo de a dotar de uma bagagem cultural, fixando regras de comportamento transmissíveis. Se Machiavelli se esforçara por ensinar ao Príncipe como conquistar e manter o poder, Castiglione, alguns anos depois, empenha-se na formação de uma casta restrita que participa, juntamente com o Príncipe, na gestão do poder. Uma casta que não se encontra ligada a um poder específico, a uma realidade política e geográfica individualizada, mas que está pronta a transferir as suas competências de uma corte para a outra, visto que, entre uma e outra corte, são análogas as exigências e as expectativas. Seria, porém, demasiado restritivo arriscar a definição de *técnico* de política e da administração. Os cortesãos são muito mais do que isso: são a classe hegemónica, a que marca a vida social e cultural das cortes por inícios do século XVI. Mais do que ensinar uma *prática*, Castiglione visa definir estruturas mentais, comportamentos e valores de um pequeno grupo social, delineando uma nova antropologia. E consegue-o plenamente, ou não fosse mais fácil perceber, através das palavras dos participantes no diálogo, os aspectos *culturais* do perfeito cortesão – aqueles que se explicam através do comportamento, da vida de relação, do uso da palavra –, do que as suas reais funções políticas e administrativas. Contudo, seria redutor, por sua vez, limitar-se a falar da formação do *gentil-homem*: com efeito, se é inegável que a partir da figura do nobre ou do aristocrata de corte se irá desenvolver (também graças a este livro) a do gentil-homem – ou seja, a figura do nobre ou do aristocrata desligada de precisas incumbências cortesãs, capaz de sobreviver e até de prosperar no seio de realidades e de épocas que já não sabem o que é a instituição cortesã –, facto é que entre os séculos XV e XVI o

cortesão não pode prescindir da instituição que lhe dá o nome. E por detrás deste dado, isto é, a necessidade de que a um cortesão corresponda uma corte, esconde-se, como veremos, a linha de sombra, a fractura dramática que faz com que o livro de Castiglione não seja actual nos anos em que foi escrito, mas que dele fará um livro continuamente vivo e actual ao longo de mais de dois séculos.

Da longa e animada conversa onde são registados pontos de vista diversos, quando não divergentes, emergem algumas ideias-força (do autor), substancialmente orientadas em torno de dois pólos. Em primeiro lugar, o nobre de corte, apesar de continuar a desempenhar primordialmente serviço de armas, deve possuir uma sólida formação cultural. Nele se fundem a figura, de origem antiga, do nobre-guerreiro e a figura, que é absolutamente nova, do gentil-homem *letrado*. O elemento inovador, não por acaso destinado a prevalecer ao longo dos séculos sucessivos, é o segundo. Castiglione está ciente disso, a ponto de apresentar a prática das letras, globalmente compreendida enquanto uso da cultura, como traço distintivo da nobreza italiana relativamente a outras culturas europeias. Sob este ponto de vista, a escolha de colocar a cena em Urbino é estratégica. Federico da Montefeltro – tem o cuidado de sublinhar Castiglione – não só tinha sido um dos maiores *condottieri* da sua época, como tinha edificado o mais belo palácio principesco de Itália, “che non un palazzo, ma una città in forma de palazzo essere pareva” (I 2), tendo-o enriquecido com colecções de arte (o museu) e com uma colecção de livros seleccionados (a biblioteca). E também o seu filho Guidubaldo, às virtudes guerreiras, associava o conhecimento do grego e do latim. Urbino era, pois, a corte ideal (ulteriormente idealizada por Castiglione) para que as qualidades da *cortesenaria* se pudessem manifestar plenamente.

Também o segundo pólo é representado por um hábito cultural: o núcleo é o conceito de *graça*, ou seja, aquela natu-

ralidade que deve acompanhar cada gesto e cada palavra do perfeito cortesão. Essa graça, que é o exacto contrário da afectação e do artifício, manifesta-se como *sprezzatura*, como impressão de facilidade, espontaneidade e leveza que actos e palavras despertam nos outros. A naturalidade, porém, não é um dote da natureza: pelo contrário, adquire-se com o estudo, a aplicação, o exercício, a arte. A naturalidade é um dado cultural. A *sprezzatura*, de facto, consiste em esconder artifício e estudo e em fazer com que os comportamentos pareçam graciosos, tal como se fossem fruto de uma disposição inata. Para o novo nobre, a cultura, que encontra no comportamento social uma das suas mais importantes manifestações, apresenta-se como uma espécie de segunda natureza, que parece espontânea precisamente por ser artificial. Essa concepção irradiará sobre todo o sistema de *boas maneiras*, as regras do bom comportamento em sociedade. Um sistema ao qual se irão adaptar as castas nobres durante o Antigo Regime e que também a nova classe burguesa tomará por referência. Mas no tempo de Castiglione o reenvio para a cultura tinha uma valência que superava o plano, também importante, da convivência e das relações sociais dentro das castas dominantes. Era o modo através do qual se procurava conferir *gentilezza* ao poder: uma reformulação, em termos modernos, do velho conceito medieval de *cortesia*. Na nova situação histórica o interesse que prevalecia não era a relação (feudal) entre nobre e senhor, mas a relação entre nobre e nobre. Eram estas as relações que assinalavam, de facto, o surgimento da *sociedade*, uma associação social consciente das suas prerrogativas e decidida a distinguir-se enquanto casta dominante. A *graça* era, por conseguinte, uma forma de uniformizar os comportamentos desse estrato e, ao mesmo tempo, era sinal de que o poder procurava vias mais mediatas, relativamente à pura exibição da força, para criar consensos. Mas que instituição, concretamente, é que o consenso visava?

Acenava anteriormente à linha de sombra que atravessa o livro. Há uma espécie de condenação que pesa sobre os maiores tratados dos séculos XV e XVI, a de serem, de certa forma, *póstumos*, em confronto com os problemas enfrentados. Alberti tinha escrito o quarto livro do diálogo dedicado à acumulação e à manutenção da *masseria*, do capital, após o desaire económico sofrido pela sua família; Machiavelli o livro dedicado à conquista e à conservação do poder numa situação histórica que via na ribalta outras potências que não os príncipes italianos, encontrando-se, pessoalmente, na condição de exilado e de proscrito; Giovanni Della Casa escreverá o seu tratadinho sobre o comportamento em sociedade (*Galateo*) num período (1551-1553) em que sobre ele se abatiam desilusões pessoais, encontrando-se retirado do mundo numa abadia. Castiglione (1478-1529) não é excepção. Começa a escrever o seu livro (que se passa em 1507) em 1513 e trabalha nele durante quinze anos: sairá dos prelos em 1528, quase um ano antes da morte do seu autor. Naquela data, a Urbino dos Montefeltro, por ele descrita e idealizada, já não existia há algum tempo. Aliás, àquela data estava a cair numa crise profunda e irreversível o sistema das cortes italianas, aquele sistema que era o *habitat* natural do *cortesão*. Em Maio de 1527, o exército imperial de Carlos V tinha saqueado Roma. Um evento traumático para toda a cristandade. Para a Itália, o sinal dramático de uma época para sempre encerrada. O fio da história tinha passado para as mãos das grandes potências e os principados italianos ou tinham desaparecido ou estavam a perder poder e prestígio, inexoravelmente. As vicissitudes italianas deixam sinais dolorosos no livro de Castiglione, o qual, impávido, não abandona os seus propósitos de pintar o quadro feliz e harmónico de uma realidade passada, em vias de rápida dissolução. Os cortesãos de Urbino que na última página do diálogo abrem as janelas para saudarem a aurora não estão cientes da catástrofe eminente: marcam outro encontro para o serão desse

mesmo dia a fim de resolverem uma questão que ficara em suspenso. O livro acaba com uma tirada jocosa de Emilia Pio, exemplo estremado de *graça* mundana. Emilia Pio morre em Urbino nesse mesmo ano de 1528. Acabara de receber um dos primeiros exemplares da edição do *Cortegiano*. Já nesse ano os leitores não podiam deixar de ler o raiar da alba como um pôr-do-sol.